

O QUE NOS ENSINAM OS AUTISTAS

Bernard Nominé

Psicanalista, psiquiatra em Pau, França, AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano-França, ensinante no Colégio Clínico de Psicanálise do Sudoeste da França.

E-mail: ber.nomine@free.fr

Resumo: Através da experiência clínica, procura-se formalizar a especificidade estrutural do chamado espectro do autismo a partir da psicanálise. Propõe-se que o autista recusa a alienação fundamental ao significante mestre, denominado S1, operação fundamental para a formação de um corpo simbólico e imaginário. Em alguns casos, a aderência ao significante é integral e sem restos, colocando em jogo a problemática do gozo nos casos de autismo. Através de uma releitura do caso Dick, de Melanie Klein, propõe-se uma formalização que Lacan denominou enxerto de significante como uma prótese do discurso do mestre.

Palavras-chave: espectro autista; Kanner; Asperger; sujeito; discurso.

Abstract: By means of the clinical experience, we seek to formalize the structural specificity of the so-called autism spectrum through psychoanalysis. It is proposed that the autistic person refuses the crucial alienation from the master signifier, named S1, the key operation to form a symbolic and imaginary body. In some cases, adherence to the signifier is full and it has no debris, putting into play the issue of joy in cases of autism. Through a rereading of the case Dick, by Melanie Klein, a formalization of what Lacan has named signifier graft is proposed, as a prosthesis of the master's discourse.

Keywords: autism spectrum; Kanner; Asperger; subject; discourse.

Os autistas têm algo a nos ensinar. Os psicanalistas sempre supuseram que há, por trás desse quadro clínico impressionante, um sujeito que tem alguma coisa a lhes ensinar. *There's a boy in here* [*Há um menino aí dentro*]; é o título original de um livro escrito a duas vozes, por uma mãe e seu filho portador de autismo, Judy e Sean Barron; foi traduzido em francês: *Moi, l'enfant autiste* (2007) [*Eu, a criança autista*], o que é menos sugestivo.

Há um sujeito aí dentro; nada é possível sem essa aposta mínima a fazer diante de uma criança autista e ela tem tudo a nos ensinar se quisermos entrar em comunicação com ela. Mas, para aprender com ela, é ainda preciso descartar todo saber preconcebido que nos embaraça, mas com o qual ela parece ter escolhido, curiosa, mas resolutamente, não se embaraçar.

Já faz agora ao menos trinta anos que aceitei receber uma criança de cinco anos murada num autismo de Kanner. Eu a acompanhei durante doze anos. Ela nunca disse uma palavra, mas me ensinou a identificar a lógica implacável que regia seu mundo e seus comportamentos. Acredito que, em troca, ensinei-lhe a aceitar um fio de representação, e isso não foi possível senão ao preço de lhe separar do objeto olhar cuja presença invadia seu campo e a cegava. Deveria, sem dúvida, ter sido feito o mesmo com o objeto voz do qual ela não se separava, o que a tornava muda, mas hoje creio que era muito tarde. Não é aos 5 anos que se deve intervir, mas muito mais precocemente, se queremos poder ajudar um sujeito como este a se separar da voz para entrar na palavra.

Alguns autistas se põem a falar. Para a maior parte, como máquinas, como computadores; mas, enfim, eles falam, aceitam renunciar, em parte, ao gozo autístico da voz. Eles deixam, em parte, esse objeto. Mas, daí a se deixar verdadeiramente, não, pois isso supõe que o vazio assim criado dê à linguagem todas as possibilidades da comunicação, entre as quais o mal-entendido, o equívoco, o jogo de palavras, o duplo sentido, o inconsciente, tantas manifestações que faltam, precisamente, nesses sujeitos sobre os quais Lacan dizia que eram, antes de tudo, verbais.

No entanto, alguns falam e têm algo a nos dizer. Temple Grandin, Donna Williams, Birger Sellin, Sean Baron e o mais recente Daniel Tammet. Durante muito tempo, tive algumas reticências a considerar que esses casos de síndrome de Asperger faziam parte do quadro do autismo, tanto essa clínica me parecia totalmente diferente da que havia conhecido com o autismo primário de Kanner. Entretanto, Rosine e Robert Lefort, que muito me encorajaram no momento em que aceitei em tratamento esse jovem autista, nunca duvidaram de que se tratava da mesma estrutura.

Defensores de métodos educativos, ferozes adversários do tratamento psicanalítico, clamam isso alto e forte desde o início, daí minha reticência, certamente. E, no entanto, quando lemos esses testemunhos, e espero que vocês tenham feito isso antes de vir me escutar, vemos que a estrutura da experiência de confusão diante da linguagem parece mesmo idêntica. O que dizem todos esses autores é o que supus que

essa criança autista devia viver ante a linguagem da qual era refém. Não há que ter, então, reticências: se a estrutura da experiência vivida é similar, é porque a síndrome de Asperger é uma forma de autismo. Os psicanalistas não deveriam se ofender. Mas, é antes do outro lado, do lado daqueles que relegam os psicanalistas ao descrédito, que deveríamos nos alarmar. Pois, com efeito, se admitimos que o autismo primário pode evoluir favoravelmente para a síndrome de Asperger, não podemos pensar que, na origem, havia um *déficit* bioquímico engendrado por um *déficit* genético. Pois, se o autismo é devido a uma incapacidade neurológica para tratar a informação linguageira, não vemos como isso poderia evoluir favoravelmente em certos indivíduos.

Lendo o livro de Daniel Tammet (2007), ficamos chocados ao ver que esse sujeito, que não queria entrar no circuito da fala, esse sujeito murado em sua fascinação pelos signos da linguagem, põe-se, todavia, a falar e é animado por um desejo de nos transmitir sua experiência. Ele não é simplesmente o macaco amestrado que querem exhibir nas feiras, aquele que reconhece num instante um número primo, que retém listas infinitas de decimais do número π . Não, ele se vira bastante bem na vida, ele é amoroso, vive num casal homossexual, pode afastar-se de sua família, interessa-se pelas línguas estrangeiras que aprende numa época de sua vida. Como ele passou desse estado autístico, no qual os outros lhe pareciam fazer parte da decoração, quando não lhe incomodavam demais em todas as suas experiências para dominar o mundo, como ele passou desse estado àquele no qual evolui se endereçando aos outros com a vontade de lhes transmitir alguma coisa? Não encontramos rastros de um terapeuta nem de um tratamento, exceto um tratamento para uma epilepsia temporal surgida à idade de 4 anos. Parecia, então, que ele saíra sozinho, com a ajuda de seu imaginário, que lhe permitiu inventar uma história, uma companhia imaginária que lhe falou, até que aceitasse, que, com mais de 100 anos, ela poderia morrer. E depois, sobretudo, um recurso que ele chama um dom para línguas, quer dizer, uma facilidade para aprender línguas difíceis. É certo que, ao passar pela tradução, Tammet se assegura que um significante reenvie a um significado preciso na outra língua, o que abranda bastante sua perplexidade diante do significante ou sua fascinação, como diante dos números primos, significantes que não devem nada a ninguém. “Sua solidão entre os outros números os torna singulares e estimulantes para mim” (ibid., p. 17). Ele se aventura, ao sair da adolescência, a responder à oferta de uma associação de caridade que envia jovens ingleses para o leste da Europa para ensinar inglês. Ele é admitido, faz um período de iniciação, depois parte para viver na Lituânia durante um ano. Lá, o que lhe é

decisivo, é sua atração pela língua lituana. Não lhe é necessário aprendê-la, ele não está lá para isso, mas para ensinar inglês aos jovens lituanos. Entendemos muito bem que esse momento, afastado de sua família, de sua língua, e a lida com uma outra língua, foram-lhe muito benéficos. A Lituânia dava um outro estatuto à sua estranheza; de estranho ele passa a ser estrangeiro, e, então, encontra seu lugar de sujeito representado por um significante em um discurso. É certo que, retornando da Lituânia, alguma coisa mudou para ele. É aí que ele descobre o amor e que chega a encontrar seu lugar na sociedade, propondo seus serviços para ensino de línguas estrangeiras e participando como cobaia em experiências científicas no domínio da neurologia e da linguística.

Faço, então, a hipótese que seria a passagem pela tradução que teria permitido a esse sujeito sair de seu estado de sideração perante a língua. Aliás, ele diz que, quando criança, inventara uma língua para ele com uma gramática e um vocabulário de mais de mil palavras. Tratava-se, para ele, de remediar suas dificuldades para lidar com a língua de todo mundo. Trata-se, também, de encontrar uma forma de exprimir suas emoções, mas de exprimi-las a si mesmo, pois ele nunca quis iniciar quem quer que seja em sua língua íntima.

A questão da relação com a língua é essencial na posição autística. O sujeito autista fica refém do significante, no sentido de que está fascinado pelo real do significante e dele não se descola. Há aí um gozo muito primitivo, mas que não se aparelha à palavra, embora assim pareça. É um tipo de gozo automático do significante. Durante um tempo, eu o assimilei ao gozo do balbucio, mas não creio que seja preciso. Numerosos são os autores que observam que um traço característico da criança autista, um signo muito precoce, é a ausência de balbucio. Certamente o balbucio é já um esboço de relação com o Outro. Aquele que escuta o balbucio não se engana e não deixa de respondê-lo. A mãe responde em eco ao balbucio da criança e a encoraja a ter esse prazer. O que a incita, sem dúvida, a entrar na palavra tendo experimentado que falar não equivale a renunciar a todo prazer. Mas o gozo do blablá que nos toma a todos não tem nada a ver com essa obscura fascinação do autista pelo automatismo do significante, o qual não tem, aliás, nenhuma necessidade de ser sonorizado para funcionar.

Sean Barron descreve muito bem o que acontece com ele quando passa horas a abrir e fechar uma porta. Trata-se, para ele, de verificar que nada mudou entre o momento no qual fecha a porta e o momento no qual a reabre. “Não era possível que eu parasse, pois, mesmo depois de ver onde daria uma porta, eu temia uma mudança, e estava, então, ainda obrigado a reabri-la para verificar. Eu estava obrigado

a experimentar todas, senão eu não saberia” (BARRON e BARRON, 2007, p. 56). Vemos bem que o que falta para Sean Barron é a representação simbólica que lhe permitiria guardar na memória o que há por trás da porta uma vez que ele a tenha fechado. Ele não acredita a não ser no que vê e teme, portanto, que todo mundo tenha se modificado a partir do momento que não tem mais a imagem. “Eu acreditava que o interior do armário girava como o tambor de uma máquina de lavar” (ibid., p. 62).

Num outro momento, ele explica o que o fascinava quando lançava tudo o que lhe caía nas mãos numa árvore do jardim:

Eu experimentava um imenso prazer em lançar objetos na grande árvore do jardim. Eu queria saber até onde eles subiriam e onde eles se prenderiam. Esse exercício me agradava tanto que eu relançava o mesmo objeto na árvore até que ele lá ficasse, mesmo que demorasse muito. Eu perdia, então, a noção do tempo; as horas passavam sem que eu percebesse. Era meu universo e eu era o senhor. Eu era o senhor do objeto; ele subia na árvore porque eu queria. Quando me ralhavam ou me puniam, eu tinha a impressão de sofrer uma invasão. Eu não era mais o senhor, alguém tinha tomado o poder sobre mim. (Ibid., p. 62)

“Se eu fazia o que minha mãe pedia, havia um risco de fracasso, eu podia enganar-me e sabia o que aconteceria nesse caso” (ibid., p. 78). Imaginamos bem a catástrofe, para não dizer o cataclismo, lançado por essa constatação de fracasso. O que ele teme não é a cólera de sua mãe, antes de tudo paciente de maneira geral, o que ele teme é o fracasso. O mundo do autista não se mantém a não ser porque ele o domina, porque obedece às suas injunções, às suas manobras, porque ele permanece sempre o mesmo. O fracasso, ao contrário, remete-lhe ao caos.

Feita essa constatação clínica, é preciso tentar adivinhar a estrutura. O que nos assegura uma representação do mundo é, a princípio, a estrutura da representação significante. Os rastros mnêmicos são feitos de significantes, e o que caracteriza o significante é que sua relação com a coisa que ele representa não é direta, diferentemente do signo. Uma vez que estamos na ordem do significante, podemos prescindir da presença da coisa. Os significantes se associam então entre eles, podem se substituir um ao outro, criar sentido..., etc. Poderíamos pensar que o autismo é uma impossibilidade neurológica de operar com os significantes; conexões complexas entre as áreas associativas do cérebro não seriam feitas. Mas bem depressa a besteira dessa concepção surge quando recebemos os testemunhos desses sujeitos que saíram de seus universos e que se comunicam conosco. Eles têm um uso totalmente correto do significante. Eles estão no universo da linguagem, eles não estão excluídos, mas o que não funciona

se situa no nível da fala. Quer dizer que é o que se passa no nível do sujeito que fala, do sujeito que quer dizer, do sujeito que quer compreender o que vê, o que lhe dizem, é aí que algo está muito errado.

É por isso que é preciso levar em conta que a representação do mundo é um negócio de sujeito. Cada um tem sua representação do mundo, a realidade não é universal e, além do mais, ela muda permanentemente. A representação do mundo depende da posição do sujeito.

É aí que algo está errado para o dito autista. De onde a questão: há um sujeito aí? Alguns autores, como Jean-Claude Maleval (2009), observam, corretamente, que o autista parece se mover num universo de signos, ele trata os significantes como se fossem signos. Mas essa fórmula, por mais sedutora que seja, não convém totalmente, pois essa posição de tomar o significante como signo não é, talvez, tanto uma causa como uma consequência; ela testemunharia, então, de uma escolha, de uma posição decidida, mesmo que seja furiosa, como testemunham esses que nos escrevem.

Antes mesmo de falar do signo, prefiro considerar as coisas sob o ângulo do real do significante. Antes de significar, quer dizer, antes de se associar a um outro significante que vai criar a significação, o significante se associa espontaneamente ao que o define, ou seja, seu oposto. Temos, assim, pares de opostos. Dia/noite, alto/baixo, branco/preto, aberto/fechado. Esses pares de opostos não bastam para construir uma representação do mundo. É exatamente o que nos demonstram os autistas, tanto na clínica que observamos como nos testemunhos que nos transmitem.

Como passamos desse universo onde os significantes não são orientados a não ser por pares de opostos, a um universo onde os significantes são utilizados para querer dizer? É a essa questão que o pequeno Dick, tratado por Melanie Klein, nos traz uma resposta.

Esse caso do pequeno Dick não parou nunca de me interrogar, volto a ele regularmente. Num primeiro momento, pensei que essa criança não devia ser psicótica por reagir ao tipo de interpretação de Melanie Klein. Pensei, em seguida, que esse enxerto simbólico que ela lhe propunha era um tipo de artifício, sua forma de querer dar consistência à sua teoria. Hoje, à luz desses testemunhos de autistas, o caso Dick aparece-me mais claramente como o de um autista.

Dick apresenta-se à Melanie como uma criança autista, que não se interessa pelo mundo exterior, além de suas verificações feitas para se assegurar que ele o domina. E, então, de repente, depois de uma interpretação memorável, na qual Melanie Klein lhe

impõe o sentido de uma história para pensar [*histoire à dormir debout*], desde a primeira sessão, o menino se põe a orientar-se no consultório da analista e apenas algumas sessões mais tarde ele utiliza a linguagem que contrariava para, enfim, endereçar uma demanda.

Dito de outra forma, ele que parecia querer prescindir do discurso, eis que se põe a aceitar nele se inscrever. Como pôde ele aceitar se guardar gentilmente sob o significante que sua analista lhe havia preparado antes de sua primeira sessão?

Vejamos, então, precisamente, o que se passa.

Dick não é insensível à estrutura do simbólico, ele manipula os pares de significantes: presença-ausência, continente-conteúdo, porta aberta-porta fechada e depois o famoso par: *trem-estação* [*train-gare*].

Onde esse par *trem-estação* é um par de significantes opostos? Compreendemos melhor em inglês, onde estação se diz *station*; Quer dizer que isso acentua a oposição entre a *cinética* do trem e a *estática* da estação; está aí a oposição. Melanie notou isso antes de receber Dick, pois ela nos descreve a pouca bagagem significativa do menino antes de nos descrever a primeira sessão. Alguém, não sabemos quem, teria lhe falado da criança e esse par de significantes logo lhe atraiu a atenção. Mas, eis que ela lhes atribui um sentido que eles certamente não têm, já que não são senão pares de opostos que constituem a trama do simbólico.

Assim, então, antes mesmo de receber Dick, Melanie lhe supõe uma intenção de significar um desejo inconsciente com esses poucos significantes. Ela acha que Dick utiliza o simbólico para cifrar uma vontade de gozo, já que, à oposição puramente simbólica, portanto de puro não-sentido (cinética-estática), ela substitui um casal que tem sentido: o trem-pênis que quer entrar na estação-Mamãe. Não se trata aí de um simples casal de continente-conteúdo, trata-se realmente de um par orientado. O problema é que não é a fantasia de Dick que orienta este par, é a fantasia que Melanie lhe supõe. Encontramos aí “a arúspice de olhos de menina, tripeira inspirada” (LACAN, 1958/1998, p. 761), que, examinando as fantasias *nas entranhas da mãe nutriz* as supõe em seguida na *criança de negros instintos*. É por essas palavras fortes, mas não desprovidas de admiração, que Lacan fala de Melanie Klein em *Juventude de Gide*. Podemos render homenagens à perspicácia dessa pioneira da *psicanálise de crianças, pois a questão de saber por quais caminhos passam as fantasias para ir da mãe à criança* é certamente uma questão fundamental.

Se examinarmos de perto essa observação para compreender como Melanie Klein conseguiu enxertar um semblante de fantasia em Dick, vemos que é o enxerto dessa fantasia que ela supõe que vai orientar os significantes dos quais Dick faz uso e assim criar nele essa “pequena célula palpitante de simbolismo” como diz Lacan (1953-54/1986, p. 103) no *Seminário 1*.

Então, antes mesmo de ter recebido a criança, Melanie Klein preparou seu material no qual há um grande trem e um pequeno trem. Assim que Dick chega, ela lhe propõe um par significativo ao qual ela dá um sentido; ela põe lado a lado o pequeno trem e o grande trem e coloca, por seu discurso sob esses objetos significantes, uma significação.

Pequeno trem	grande trem
Dick	Papai

Assim ela indica para Dick o lugar do sujeito suposto querer se representar sob o significante do pequeno trem: S1, perto do grande trem S2. Dito de outra forma, ela vem imediatamente perturbar [*bousculer*] o universo do sem sentido no qual evoluía tranquilamente Dick (a angústia surgirá depois da identificação) e ela o situa num lugar ordenado simbolicamente em relação ao pai.

Em 1953, quando comenta essa cura, Lacan já notou que essa é a condição necessária para que, a partir desse lugar simbólico, o sujeito possa se fazer uma imagem do real. É a proposta que ele desenvolve a partir de seu esquema óptico. É preciso que o sujeito seja corretamente colocado no dispositivo, é preciso então que seu lugar responda a certas exigências simbólicas para que ele possa ver aparecer a imagem que tem no Outro. De fato, esse modelo óptico serve de metáfora a Lacan para ilustrar a relação do real, do simbólico e do imaginário. Ele diz: “na relação do imaginário e do real, e na constituição do mundo tal como ele resulta disso, tudo depende da situação do sujeito. E a situação do sujeito (...) é essencialmente caracterizada pelo seu lugar no mundo simbólico” (ibid., p. 97).

Mas, voltemos a Dick. Melanie coloca-o, então, no lugar que convém para que o enxerto possa pegar. A resposta não se faz esperar. Dick faz funcionar seu par significativo habitual e então pega o pequeno trem, rola-o até a janela e aí, sem dúvida quando o objeto pára, ele diz, *estação*. Nada de novo nessa articulação. Mas como Melanie nomeou o pequeno trem Dick, em referência ao pai, então o parceiro do pequeno trem toma um certo sentido. “*A estação é Mamãe*” lhe diz ela.

O par significativo trem-estação toma então o sentido da pequena célula palpitante. *Papai-mamãe*. Eis aí o famoso enxerto. Não mais que um passo a dar para fixar solidamente o sentido desse par significativo, é o que faz Melanie, dizendo: “*Dick entra na Mamãe*”. É essa significação fantasmática radical que orienta o casal *trem-estação*.

É porque é impossível de escrever, de representar, a copulação entre Dick e Mamãe, que é preciso passar pela copulação significativa, *trem-estação* que, ela sim, é possível e já está mesmo disponível no carço simbólico do qual dispõe a criança, não porque o trem entre na estação, mas porque o trem é cinético e a estação estática.

Com essa suposição de significação suportada pela suposição de uma fantasia, Melanie Klein orienta o par de opostos. A estrutura *trem-estação*, supondo representar a relação impossível *Dick-Mamãe*, que deve permanecer embaixo.

De fato, o significativo que surge depois da intervenção de Melanie Klein não é tanto o significativo *estação*, mas o “preto” que Dick lança entre duas portas, ao qual Melanie responde com uma interpretação que vai sempre no mesmo sentido: “*ele faz preto na mamãe*”. É a partir daí que, escondido no espaço preto entre as duas portas, ele pode fazer ouvir seu chamado endereçado à babá.

O passo necessário para entrar no discurso, ou seja, para falar, para endereçar-se ao Outro e para dele receber o endereçado, esse passo necessário não é o tomar o significativo pelo que ele é: um significativo, e não um signo; mas de aceitar o princípio da representação significativa: o significativo representa um sujeito a partir de outro significativo. E é essa posição do sujeito que, em certa época, assimilei ao centro de projeção necessária a toda representação imaginária do mundo segundo o modelo da construção perspectiva, é essa posição do sujeito que faz falta na posição da recusa autística.

Por quê?

Em certa época respondemos a essa questão seguindo o passo de Bettelheim e encarregando a mãe dessa falta primordial. O que nos rendeu, por nossa vez, de sermos designados como os responsáveis pela incurabilidade do autismo por algumas associações de pais de crianças autistas que acusam os psicanalistas de ter extraviado a psiquiatria em direção a um impasse e de ter resistido à influência benéfica das terapias cognitivas de origem anglo-saxônica. Devolução ao remetente, então!

A questão do porquê é lancinante, mas creio que é melhor deixá-la de lado por enquanto e nos concentrarmos a descrever, o mais precisamente possível, a clínica

do autismo, sem querer, a qualquer custo, fazê-la enquadrar-se numa hipótese, pois, assim, caímos inevitavelmente na ideologia, ou seja, a lógica do idiota, se me permitem essa abertura de linguagem.

Estudamos a relação do autista ao significante; propus, há alguns anos, uma fórmula para resumi-la: o autista, refém do significante. Poderíamos nos concentrar igualmente a descrever os fenômenos corporais tão paradoxais que observamos na criança autista. Sua extrema instabilidade, seu andar sugestivo, sua anestesia à dor, suas automutilações, suas estereotípias, seu maneirismo.

Toda essa clínica nos mostra as consequências corporais da recusa da alienação do autista ao discurso do Outro. Aqui não há nada de extraordinário, se avaliamos que o que está em jogo na alienação é o corpo e o gozo. Se a criança aceita alienar seu ser à demanda do Outro do qual ela depende totalmente é porque ela aprende a se satisfazer em ser reconhecida e amada pelo Outro. Ela encontrará aí um prazer, um gozo aparelhado aos significantes do Outro, mas será necessário também que ela renuncie a uma parte de seu próprio gozo. Ela ganha aí um corpo, que é uma entidade simbólica e que reforça a intuição que lhe deu sua imagem no espelho, intuição de que é uma unidade e não pedaços de corpo.

Mas essa alienação não valeria grande coisa se ela respondesse a uma lei de tudo ou nada. O que dá o preço dessa alienação é o que lhe escapa. Nem tudo é sacrificado nessa operação de divisão em prol do Outro. Há um resto. O que torna a alienação suportável é a parte de separação que ela supõe. Há um resto e ele se condensa sobre esses objetos separadores que são o olhar e a voz. São objetos que resistiram ao sacrifício ao Outro. Por isso, são objetos sobre os quais o sujeito se apoia para existir como desejo e resistir à total submissão ao Outro.

Há alguns anos, servi-me da leitura que fazia Lacan da *Fenomenologia do espírito*, de Hegel, e notadamente de sua dialética do senhor e do escravo, para explicar-me a coisa. O corpo do escravo pertence ao senhor na medida em que representa seu gozo.

Mas o escravo, cuja posição se define por não ter renunciado ao gozo, não goza de se fazer objeto do senhor, ele tem seu próprio gozo, ele goza de objetos que ele não abandonou ao senhor.

“Se senhor eu sou”, diz Lacan (1966-67/inédito), “meu gozo já está deslocado, ele depende da metáfora do servo, mas acontece que, para ele, há um outro gozo que

permanece à deriva” (aula de 7 de junho de 1967). Esse outro gozo que fica à deriva é o gozo próprio ao escravo, aquele que não é tomado na metáfora do Senhor, ele lhe escapa.

Isso quer dizer que não é em seu corpo que pertence ao senhor que o escravo goza, é em outro lugar, e precisamente lá onde uma parte de seu ser escapa ao senhor. O escravo goza de um objeto que ele não sacrifica ao senhor. Esse objeto fica à margem, situa-se fora do corpo, na medida em que ele não faz parte do corpo como Outro, ou seja, do corpo significante.

Esse objeto é o que permite ao escravo não se confundir com esse corpo servil que ele representa para o senhor. É o gozo da vida que fixa um limite às exigências superegoicas que impõem ao ser um modelo ideal mortífero.

Mas podemos gozar da vida se não a alienamos ao significante mestre? É a questão que nos põe o autista. Para gozar, é preciso ter um corpo, já que não há gozo a não ser do corpo. Mas ter um corpo supõe que tenhamos alienado o ser ao discurso do Outro. Um corpo é, então, uma entidade simbólica reconhecida pelo Outro, um corpo é um objeto dominado pelo significante-mestre, pois, para além da pequena história hegeliana, essa dialética nos permite alcançar as relações complexas que ligam o sujeito, seu corpo, seu gozo e o Outro. No lugar do senhor hegeliano, detentor de um saber absoluto, podemos situar o Outro de Lacan representado da forma mais econômica pelo significante-mestre.

O significante-mestre civiliza o gozo do corpo, é tipicamente o discurso da educação. O significante-mestre, ao fixar o quadro do gozo, prescreve o que convém e põe no índice o que não convém. É certo que aquele que não convém toma aí todo o seu valor. Mas de que valeria o discurso da educação se ele se radicalizasse, se ele não permitisse nenhum tipo de deriva? Ele tenderia ao totalitarismo, ao sadismo, à tortura.

É a isso que é confrontado quem quer que seja, pai, mãe, educador ou terapeuta que quer fazer entrar a toda força o autista num discurso que ele recusa. Leiam a esse propósito o testemunho de Judy Barron; essa mãe entrevê muito bem o horror ao qual poderia conduzi-la a ideia de educar seu filho autista. Não se trata de seu horror a ela, mas do horror da posição que lhe é reservada quando ela quer, a qualquer custo, fazer seu filho entrar no discurso.

Por que ele se recusa a entrar aí?

O que aprendi com a criança autista da qual me ocupei, o que li nos testemunhos e nos trabalhos de colegas incita-me a pensar o autista numa posição de tudo ou nada.

Alguma coisa faz com que a representação significativa, se ela se fizesse, far-se-ia para ele sem resto. Ele estaria reduzido a ser refém do significante-mestre sem escapatória possível. Só lhe resta tentar dominar o automatismo significativo. É o que ele faz em suas estereotípias. Goza ele da vida? Não, não creio; antes ele é odiosamente gozado pelo significante. Ele escolheu ficar de fora, à margem, ele situa resolutamente todo seu ser à deriva do discurso. Mas, não é uma deriva no verdadeiro sentido do termo, pois a deriva supõe que haja alguma coisa que exceda um quadro. Não há disso aqui.

Insisto sobre essa noção de gozo à deriva, pois ela me parece ser uma indicação para um tratamento possível. A educação, proposta por alguns, muito em voga nesse momento, não me parece a boa solução. Ela pode levar à ferocidade, ela não respeita a posição do autista. Ao contrário, todas as tentativas que foram feitas no sentido de ir ao encontro desses sujeitos, respeitando suas derivas, permitiram cativá-los [*les apprivoiser*]. É, pensando bem, o que fez Melanie Klein. Logo de início, ela cativou [*apprivoisé*] Dick ao fazer semblante de partilhar seu interesse pelo objeto de seu gozo autístico, o par *trem/estação*.

Esse termo *cativar* [*apprivoiser*] parece-me bastante apropriado, ele supõe um certo manejo do olhar e da voz, dois objetos cuja deriva é preciso assegurar. Inevitavelmente, ele se associa para mim ao episódio da raposa e do Pequeno Príncipe, uma leitura que marcou minha infância e eu não resisto ao prazer de lembrá-la a vocês como conclusão dessa conferência:

- Por favor... cativa-me! diz a raposa.
- Que é preciso fazer? diz o pequeno príncipe.
- É preciso ser muito paciente, respondeu a raposa. Você se sentará, a princípio, um pouco longe de mim, assim, na relva. Eu o olharei com o canto do olho e você não dirá nada. A linguagem é fonte de mal-entendidos. Mas, a cada dia, você poderá se sentar um pouco mais perto...

No dia seguinte, voltou o pequeno príncipe.

- Teria sido melhor voltar à mesma hora, disse a raposa. Se você vem, por exemplo, às quatro horas da tarde, desde as três horas começarei a ficar feliz. Quanto mais a hora avançar, mais eu me sentirei feliz. Às quatro horas, então, estarei agitada e inquieta; descobrirei o preço da felicidade! Mas se você vem a qualquer momento, não saberei jamais em qual hora preparar o coração... É preciso ritos. (SAINT-EXUPÉRY, 1939/2009, pp. 47-48)

Tradução: Suzana Rosa Ramos

Graduada em Psicologia pela USP com Especialização em ARH pelo Centro Universitário Sant'Anna.
E-mail: suzanarosamos@yahoo.com.br

Revisão técnica: Conrado Ramos

Psicanalista, pós-doutor pelo Núcleo de Pesquisa Psicanálise e Sociedade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC-SP, doutor em Psicologia Escolar pelo IPUSP, membro AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL - Brasil) e da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano (Fórum de São Paulo).
E-mail: conrado_amos_br@yahoo.com.br

Referências

- BARRON, Judy e BARRON, Sean. *Moi, l'enfant autiste*. Paris: J'ai lu, 2007.
- LACAN, Jacques. (1953-54). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- _____. (1958). Juventude de Gide ou a letra e o desejo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 749-775.
- _____. (1966-67). *O Seminário, livro 14: a lógica da fantasia*. Inédito.
- MALEVAL, Jean-Claude. *L'autiste et as voix*. Champ Freudien. Paris: Seuil, 2009.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine (1934). *O Pequeno Príncipe*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- TAMMET, Daniel. *Je suis né un jour bleu*. Paris: Editions les Arènes, 2007.

Recebido em 8/3/2013; Aprovado em 5/4/2013.